

**VESTIBULAR  
BELAS ARTES 2019**

**ESTUDO DE CASO**

**A CRIATI-  
VIDADE  
MOVE  
O MUNDO**

BELAS  
ARTES



## **Tortura no supermercado ecoa na vizinhança, entre o repúdio e a sensação de rotina**

**Supermercado localizado na Vila Joaniza, em que adolescente foi torturado, mantém agenda de promoções, enquanto comerciantes do bairro relatam prática comum entre seguranças**

**(Autor: Breiller Pires)**

**(Texto adaptado. [www.brasil.elpais.com](http://www.brasil.elpais.com) /acesso em 09/09/2019)**

A seção de doces fica em frente a um dos oito caixas enfileirados na entrada do supermercado Ricoy. Foi dali que um adolescente de 17 anos furtou uma barra de chocolates e, logo em seguida, acabou arrastado para as dependências do estabelecimento por seguranças que o despiram, amordaçaram e torturaram com chicotadas. Um vídeo que registra a sessão de tortura viralizou, mas, na Vila Joaniza, zona Sul de São Paulo, muitos moradores já haviam tomado conhecimento do caso, ocorrido no mês passado, bem antes de sua repercussão nacional.

“Faz duas semanas que eu vi esse vídeo”, conta Sônia Machado da Silva, 52, costureira que tem uma loja de roupas a poucos metros do supermercado. “Achei uma barbaridade. Ninguém pode fazer justiça com as próprias mãos”, diz, frisando que boa parte da vizinhança se indignou com a tortura que, segundo ela, é uma prática comum entre seguranças do estabelecimento. “Eu já vi pegarem outro menino, que apanhou na porta do supermercado. Às vezes levam pra dentro do quatinho. Isso acontece direto, mas desta vez repercutiu, né?”

Sônia conhece a vítima, que sofre de dependência química e, de acordo com vizinhos, frequentava a Cracolândia instalada em um lote ocupado por barracos de lona e madeira no mesmo quarteirão do supermercado. Ela relata que costuma oferecer comida a adolescentes abandonados nas ruas e nunca teve problemas com furtos ou assaltos em seu estabelecimento, mas reconhece que a concentração de usuários de drogas na esquina causa insegurança em alguns moradores e comerciantes.

Em frente ao supermercado, a vendedora de uma loja de acessórios eletrônicos que prefere não se identificar diz que roubos são frequentes no bairro. “É um perigo. À noite, então, a rua fica cheia de ‘noias’ [dependentes químicos].” Ela recrimina a ação violenta dos seguranças contra o adolescente, embora ressalte que a vítima “não era flor que se cheire” e que “isso já aconteceu outras vezes, só que ninguém filmou”. Afirma que, pelo código de conduta dos frequentadores da Cracolândia, os pequenos comércios, mantidos por

gente da região, são poupados dos furtos. “Se eles [traficantes] pegam quem rouba o pessoal daqui, fazem pior do que os seguranças fizeram com aquele rapaz”, diz o pernambucano Alex Almeida, 31, que trabalha como vendedor ambulante.

Dentro do supermercado, a rotina segue praticamente inalterada. Na mesma semana em que ocorreu o episódio da tortura, o estacionamento estava praticamente lotado de carros. Clientes enchiam a sacola para aproveitar a promoção do quilo de pães, que sai por 5,90 reais. O novo gerente da loja afirma que nenhum empregado da rede está autorizado a dar declarações.

A Justiça de São Paulo decretou a prisão dos seguranças Valdir Bispo dos Santos e Davi de Oliveira Fernandes, que integravam a empresa terceirizada que presta serviços de zeladoria para a rede de supermercados. Identificados como fiscais de prevenção de perdas, funcionários continuam promovendo rondas de vigilância pelos corredores do supermercado. Ao repor estoque em uma prateleira, dois colaboradores conversam indiscretamente a respeito do episódio. “Se não tivessem colocado aquele negócio [mordaca] na boca do moleque, não ia dar nada”, diz um deles.

Segundo imagens obtidas pelo site Brasil de Fato, um homem e uma criança também teriam sido vítimas de tortura física e psicológica, respectivamente, nas dependências do supermercado por suspeita de furtos ao estabelecimento. Em nota divulgada à imprensa, a rede de supermercados reconheceu apenas a agressão registrada em vídeo contra o adolescente de 17 anos, qualificando-a como “tortura gratuita e sem sentido”. O grupo diz condenar “todos os casos de violência, discriminação ou violação dos direitos humanos envolvendo direta ou indiretamente suas lojas” e “espera que todos sejam punidos no rigor da lei sempre que o crime for comprovado”. Sobre a suposta recorrência de tortura por seguranças, a rede de supermercados manifesta que “a acusação de que adota como prática a utilização de métodos obscuros diante de casos de furto dentro de suas lojas é totalmente falsa e descabida”, salientando que “jamais orientou qualquer conduta que estimule a violência, a discriminação, a coação, o constrangimento ou a força desmedida e desnecessária”.

## Vila Joaniza, um retrato da vida periférica

Na principal via do bairro, existem duas unidades da rede de supermercados. Mesmo entre os mais antigos na região, é difícil encontrar alguém que pronuncie sem rater o nome da avenida batizada de Yervant Kissajikian, em homenagem a um imigrante armênio que prosperou na área da construção civil. Até a década de 1970, o corredor que conecta a Vila Joaniza com o resto da cidade não tinha asfaltamento e era conhecido como Estrada dos Zavuvus por causa do córrego homônimo que margeava a avenida. Antes, suas águas serviam para consumo dos moradores e a irrigação das hortas. Hoje poluídas, causam transtorno em dias de chuva forte ao inundar as vielas.

Rapidamente, o bairro de aspecto rural cresceu e, em menos de três décadas, viu sua paisagem se descaracterizar por completo. No início dos anos 2000, a ocupação desordenada, sobretudo por migrantes mineiros e

nordestinos, fez brotar a Favela Esperança, dividindo espaço com os antigos sobrados e conjuntos habitacionais. É justamente nessa época que o grupo Ricoy, fruto da fusão de dois supermercados, começa a se expandir pelo extremo Sul de São Paulo, uma das áreas mais populosas da capital, onde tem sua maior concentração de lojas. A rede ocupou o filão de grandes estabelecimentos que ainda não havia sido abocanhado pelo oligopólio das redes multinacionais.

Cerca de 1,5 km separa os dois supermercados da rede, na avenida Yervant Kissajikian. Entre eles, resistem os pequenos comércios locais em que se destacam fachadas coloridas. Porém, a maior concorrência de empreendimentos pela via que fica congestionada nos horários de pico é de igrejas evangélicas e neopentecostais. Há pelos menos 12 delas no caminho entre as unidades do supermercado. Assim como boa parte do comércio popular do bairro, ele atrai a clientela pelos baixos preços e a aposta em marcas de segunda linha.

O progresso em forma de obras viárias, redes de esgoto e proliferação de lojistas também criou seus peculiares rincões de desigualdade pelo bairro, a fatia mais pobre do distrito Cidade Ademar. A Cracolândia, na esquina do supermercado, é só um dos pontos em que calçadas são tomadas por lixo e ocupações irregulares. Nos semáforos das principais avenidas, é comum ver crianças vendendo balas e chocolates. A delegacia da Vila Joaniza em que o adolescente chicoteado prestou queixa contra os seguranças do supermercado é a que mais registrou aumento proporcional de crimes violentos em 2018, comparado ao índice do ano anterior, na capital paulista.

Embora conviva com o medo da violência, a maioria dos comerciantes vizinhos do supermercado diz gostar do bairro, por ser movimentado e por terem muitos amigos na região. A costureira Sônia estabeleceu-se em sua lojinha há quase duas décadas. Decidiu se mudar da Vila Joaniza depois de ter sido sequestrada oito anos atrás. Mesmo assim, nunca cogitou fechar as portas da modesta confecção. “Me sinto bem aqui, apesar de tudo.”

Pela internet, a Rede de Proteção e Resistência Contra o Genocídio, composta por movimentos sociais, organizou um protesto no dia 07 de setembro, em frente ao supermercado. A freguesia mais fiel desconhecia o ato, tampouco cogitava boicotar o estabelecimento devido ao episódio de tortura. Um dos clientes, que enchia o carrinho com dois pacotes de arroz, explicou. “É o melhor preço da região, fazem fiado e ainda entregam a mercadoria em casa. Como não tenho carro nem dinheiro, essa é minha única opção.” Um grupo do coletivo negro do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto entrou na unidade onde houve a sessão de tortura para fazer o ato de repúdio ao racismo. “Eles (a rede de supermercado) faturam mais de 1 bilhão de reais por ano às custas das famílias da periferia, majoritariamente negras, nos mostrou com chicote e mordança e seus capitães do mato como valorizam mais seu lucro do que a vida”, lia uma ativista, enquanto os caixas atendiam a clientela.